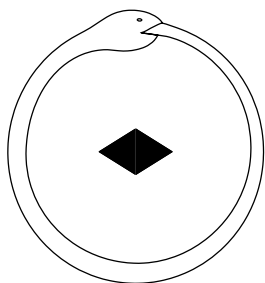


CASA ESCOLA VIVA • BANIWA
Larissa Baniwa e Frank Baniwa





CASA ESCOLA VIVA • BANIWA

Larissa Baniwa e Frank Baniwa

O texto deste caderno é a transcrição dos depoimentos de Larissa Baniwa e Frank Baniwa durante a [residência Casa Escola Viva](#), que aconteceu entre os dias 13 e 24 de outubro de 2025. A residência reuniu artistas das 5 Escolas Vivas no Bloco Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), localizado às margens da Baía de Guanabara. **Assista aos depoimentos em vídeo [aqui](#).**

Com o intuito de animar artistas a dialogarem com o mundo de fora dos territórios, enquanto desenharam, pintaram, experimentaram, trocaram e aprofundaram conhecimentos de suas culturas, Casa Escola Viva foi uma extensão do projeto das Escolas Vivas. Ao final do processo, a residência abriu suas portas para visitação do público. O vídeo [Nossa mão é uma flor](#) mostra um pouco sobre o processo da residência.

A residência foi também um desdobramento da primeira edição da [exposição Viva Viva Escola Viva](#), que aconteceu na Casa Brasil, entre 2 de dezembro de 2023 e 28 de janeiro de 2024. Parte dos trabalhos desenvolvidos durante a imersão Casa Escola Viva integram a [segunda edição da exposição](#), em cartaz entre 10 de junho e 09 de agosto de 2026 no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Larissa e Frank são artistas da [Escola Viva Baniwa – Madzerokai](#), a Casa dos Conhecimentos Ancestrais. Os Baniwa (Medzeniakonai) são habitantes do sistema cultural e multilíngue do Alto Rio Negro, área de aproximadamente 250 mil km², que abrange o noroeste da Bacia Amazônica. É nesta região que se encontra a Madzerokai.

Convidamos a conhecer e apoiar o movimento [Escolas Vivas](#) pelo nosso site.



SHUBU
HIWEA
ESCOLA
YRCA

APNE
IXCOT
UP
VEL
ESCOLA
FLORESTA
MAYAKALI

MBYA
ARANDU
PORA
PONTO D
CULTURA
GURANI



LARISSA BANIWA

Meu nome é Larissa Bitencourt Fontes, do povo **Baniwa**. Na minha língua indígena, meu nome é **Kerako**, que significa brilho ou luz do Sol, pôr do Sol. Venho da comunidade Assunção do Rio Içana. Sou estudante da Escola Estadual Nossa Senhora da Assunção, lá da minha própria comunidade, mas também sou uma aluna da Escola Viva, aprendiz deles.

Estar aqui, ter essa oportunidade, foi bastante incrível pra ter essa experiência. Ser uma das representantes, alunas da Escola Viva. Com certeza vou levar esse meu aprendizado pra eles, lá pra Escola Viva. Estar aqui está sendo um grande aprendizado pra mim. Compartilhar um pouco do que eu sei, porque eu estou começando, sou iniciante. E vim aqui pra desenvolver mais meu desenhar, pintar.

Uma coisa que achei bem interessante é que eu achei que essa residência seria algo que nem na escola: tal horário a gente vai fazer isso, vai fazer aquilo... Mas não. Foi totalmente diferente do que eu estava imaginando. Isso foi bem legal pra mim, porque foi uma liberdade imensa para a gente. Para a gente poder construir nosso próprio pen-

samento, botar em prática o que a gente sabe. E a minha inspiração sempre foi minhas avós, as mulheres da minha comunidade¹. Eu estava começando mais a desenhar sobre as mulheres, a vivência das mulheres indígenas nas comunidades, mas aqui eu trouxe mais sobre a paisagem. A maioria dos meus desenhos aqui foi sobre a paisagem, porque na maioria das vezes não sabem como que são nossos rios, a natureza, a nossa casa. Então, um pouco disso, vim mostrar, ter um pouco disso, da minha inspiração, do que eu trouxe aqui. E estar juntamente com os parentes aqui foi algo incrível. Ver os desenhos deles, as artes deles. Estar junto aqui, dentro dessa enorme casa, foi algo realmente incrível. Ver esses desenhos aqui, ter essa oportunidade e levar também pra minha comunidade.

Espero que tenha mais residentes, que possam trazer também outros da Escola Viva, outros alunos pra ver isso que a gente está fazendo, ter uma ideia do que a gente está fazendo aqui. Também aprendi muito com o Vidi² e outros que estavam aqui. Aprendi a misturar cores, a fazer cores, nosso desenho. Isso foi bastante proveitoso pra mim, como aluna ainda, iniciante. Agora sinto que estou evoluindo mais e espero que também gostem dos meus desenhos, que entendam um pouco nossa realidade.

Rio Içana,
de Larissa Baniwa



1. Larissa Baniwa contou na roda de conversa *Arte é mercadoria?*, no dia 23 de outubro, que seu processo criativo foi muito inspirado em sua mãe: “Eu, juntamente com a minha mãe, tentamos fazer a nossa arte, que é essa que está no chão. A gente tentou botar um pouco da nossa ideia, ela foi a narradora e eu tentei ser a desenhista dela”.
2. Vidi Descaves coordenou as atividades da residência junto com Olivia Silveira.



FRANK BANIWA

Meu nome é Frank Bitencourt Fontes, e meu nome indígena é *Hipattairi*, que é “filho da cachoeira”. Sou do povo **Baniwa**. Entendo pouco a língua **Baniwa**, mas sou falante da língua geral (*Nheengatu*). Somos do Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, da aldeia Assunção do Içana. Bom, estar aqui como representantes da Escola Viva **Baniwa** é uma grande oportunidade de representar não só a comunidade de Assunção do Içana, mas sim a calha do Rio Içana em geral, desde a sua afluente até as suas cabeceiras.

A minha inspiração, que eu trago desde que eu comecei a trabalhar com arte, é justamente pra demonstrar, tanto pra futuras gerações quanto os mais velhos, que é possível a valorização da nossa cultura através da arte. Mostrar para as pessoas de fora que a arte também fala as nossas tradições, a nossa língua, as nossas crenças, as nossas histórias e, em especial, nossa vivência como povos indígenas. Acho que trazer isso em forma de arte, trabalhar através dessa visualização, que é um pouco

diferente do contexto que a gente vive, é uma grande oportunidade de apresentar para o mundo o quão importante é a cultura indígena em si, dos alimentos que a gente trabalha, que a gente consome durante todo o dia³. Acho que um pouco que eu trago é isso.

A minha inspiração é justamente meu pai. A gente sempre falava com Francy⁴: “Cara, seria muito legal a gente transcrever ou pôr numa obra de arte todas as histórias que a gente ouve”. Porque antes da internet, da televisão, a gente não tinha essa comunicação direta. A gente era mais na oralidade. Sentava depois do jantar, a gente ouvia essas histórias. Essa oportunidade é justamente pra concretizar essas histórias em forma de arte, uma visualização diferente, e apresentar para o mundo ocidental é incrível. E a gente espera que tenha mais oportunidade de novas residências, para trazer pessoas novas pra ter essa experiência de convívio. É um pouco disso que eu trago. Acho que a gente traz uma bagagem muito grande pra representar um povo que é de várias etnias. Estar representando aqui é maravilhoso. E poder levar essa experiência para a *Escola Viva Baniwa*.

Acho que isso é uma troca que a gente vai fazer. A gente não vai parar por aqui esse trabalho. Com certeza vai dar continuidade. E a gente espera que a gente possa retornar várias vezes e trabalhar mais na arte em forma de inspiração para nossas Escolas Vivas.

Imagens da
página seguinte:
*Conexões entre
mundos e algumas
aquarelas,*
de Frank Baniwa

3. Também na conversa *Arte é mercadoria?*, Frank compartilhou sobre a criação das obras expostas na mostra da residência, contando: “Tenho o meu trabalho aqui, que eu fiz justamente um pouco da origem da roça, do processo, que hoje para a gente é um patrimônio que é reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foi um longo processo até ela ser consolidada como patrimônio imaterial rionegrino, do povo do Rio Negro”.

4. Francy Baniwa é irmã de Frank e autora do livro *Umbigo do mundo* (Dantes Editora, 2023). Para o livro de sua irmã, Frank pintou mais de 70 aquarelas, que foram adquiridas pelo Instituto Inhotim e garantiram a criação da *Escola Viva Baniwa*.



Meu nome é Larissa Bitencourt Fontes, do povo *Medzeniako* – que significa “aos que nascem falando a língua”, meu povo também é conhecido como *Baniwa*. Nasci na comunidade Assunção do Rio Içana, pertencente à Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas. Sou uma geração que tem uma forte história, venho de uma linhagem muito importante para meu povo *Medzeniako*. Meus avós são grandes pessoas com muita sabedoria, que me inspiram a seguir passos dos conhecedores. Sou uma jovem de 19 anos, faço parte do grupo de jovens da comunidade, faço parte também de jovens que representam nos eventos institucionais da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN, nas assembleias, seminários, oficinas, com vários temas, como: educação, sustentabilidade, saúde, território e protagonismo de jovens dentro dos territórios.

Participo de conselho escolar. Minha avó Bibiana Fontes é parteira e dona de roça, meu avô Francisco é grande mestre *Madzero* e minha avó Lúcia Bitencourt é uma grande dona de roça. Essas pessoas me inspiram muito a cada dia olhar meu território com outros olhares, valorizar os mais velhos, aprender a ouvi-los mais. Eles são minhas fontes de inspiração, assim como minha mãe tem sido exemplo de determinação e força. A minha família é a minha base, é a minha universidade indígena na comunidade. Na minha comunidade sou uma liderança jovem, que toca violão e flauta transversal, sou uma sonhadora que faz parte da Escola Viva *Madzerokai* – Casa dos Conhecimentos Ancestrais, um sonho que é coletivo.

Sou Frank Bitencourt Fontes da etnia Baniwa, originário do clã Waliperidakenai, nasci no dia 12 de novembro de 1991, na comunidade de Assunção do Içana, filho do senhor Francisco Luis Fontes (Francisco Baniwa) e da dona Lúcia Bitencourt, ambos agricultores e artesãos. Desde criança, sempre gostei de desenhar e pintar. Grande parte do talento que tenho hoje vem dos meus pais. Desde a escola, eu desenhava as pesquisas com os sábios da comunidade sobre lugares sagrados, plantas medicinais, lugares de piracemas de peixes, instrumentos musicais, cantos e roças tradicionais.

Também desenhava e pintava nos eventos religiosos católicos, como a gincana Mariana, que acontece todo ano na comunidade. Uma das pinturas que fiz foi de Nossa Senhora da Amazônia, também desenhei imagem de Nossa Senhora da Natureza, usando criatividade para pensar como seria essa deusa protetora da natureza.

A convite da Francy Baniwa, sou o autor dos desenhos que se encontram no livro *Umbigo do mundo* (Dantes, 2023), no total são 75 obras. Também, com tinta aquarela, criei 30 obras para tese de doutorado da Francy sobre as donas de roças, realizando vários trabalhos femininos e também constelações, que são fundamentais no ciclo da nossa vida dentro dos territórios. As 75 aquarelas foram adquiridas pelo Instituto Inhotim.

FOTOS

Capa e páginas 2, 3 e 5 - Caleidoskópica / Elea Mercurio

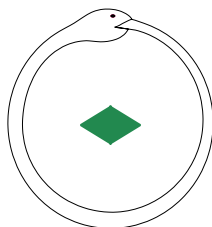
Página 7 (abaixo) - Caleidoskópica / Ana Rezende

Páginas 4 e 7 (acima) - Ricardo Miyada



RESIDÊNCIA CASA ESCOLA VIVA
MAM Rio, outubro de 2025

Realização



SELVAGEM

Parceria



Museu de Arte Moderna
Rio de Janeiro

25 INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Apoio



AMBASSADE
DE FRANCE
AU BRÉSIL

*Liberté
Égalité
Fraternité*

Toda a realização dos Cadernos Selvagem é da equipe Selvagem, com coordenação editorial de Anna Dantes. Este caderno e muitos outros estão disponíveis no site Selvagem em português e várias outras línguas. Mais informações em selvagemciclo.org.br.

Tudo que Selvagem cria é para ser compartilhado gratuitamente. Você pode usar livremente esse material, em parte ou na íntegra, desde que dê créditos à Associação Selvagem e mantenha o acesso gratuito. Para permissões adicionais, escreva para contato@selvagemciclo.org.br.

Gostamos muito de acompanhar a circulação dos materiais Selvagem pelo mundo e, por isso, se usar esse material de alguma forma, convidamos também a compartilhar registros pelo e-mail acima.

Se você deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas: selvagemciclo.org.br/apoie.

Agradecemos!